

Agatha Christie

OS TREZE PROBLEMAS

Tradução de PETRUCIA FINKLER

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

CAPÍTULO I

O Clube das Terças-Feiras

– Mistérios sem solução.

Raymond West soprou uma nuvem de fumaça e repetiu as palavras com uma espécie de deleite deliberado e consciente.

– Mistérios sem solução.

Olhou ao redor com satisfação. A velha sala, com largas vigas negras atravessando o teto, era decorada com um mobiliário antigo e de boa qualidade que completava o conjunto. Por isso o olhar aprovador de Raymond West. Escritor por profissão, ele apreciava quando a atmosfera era impecável. A casa de sua tia Jane sempre o agradara, era o cenário perfeito para a personalidade dela. Olhou para o outro lado da sala, para além da lareira, onde ela estava sentada na grande poltrona do avô. Miss Marple usava um vestido de brocado preto, bastante pregueado na cintura. Um arranjo de renda belga de Mechlin, com formato de cascata, descia ao longo da frente do corpete. Vestia mitenes de renda preta; e um chapéu, também de renda negra, coroava a montanha de meadas dos cabelos cor de neve. Estava tricotando; era algo branco, macio e felpudo. Seus olhos, de um azul desbotado, benevolentes e gentis, observavam o sobrinho e os convidados dele com uma alegria sutil. Eles repousaram primeiro no próprio Raymond, com sua afetação jovial, depois em Joyce Lemprière, a artista, de cabelos negros bem cortados e olhos de um verde-acastanhado singular, e, finalmente, naquele

homem bem-vestido e sofisticado, Sir Henry Clithering. Havia mais duas pessoas na sala: dr. Pender, o sacerdote idoso da paróquia, e sr. Petherick, o procurador, um homenzinho enrugado, de óculos, que preferia olhar por cima das lentes em vez de através delas. Miss Marple deu um segundo de atenção a cada uma dessas pessoas e, com um sorriso suave nos lábios, voltou ao tricô.

O sr. Petherick deu uma tossidinha seca com a qual geralmente anunciava seus comentários.

– O que é que está dizendo, Raymond? Mistérios sem solução? O que têm eles?

– Nada de mais – disse Joyce Lemprière. – Raymond apenas aprecia o som dessas palavras e a si próprio quando as pronuncia.

Raymond West jogou-lhe um olhar de reprovação ao qual ela respondeu jogando a cabeça para trás e rindo.

– Ele é um engambelador, não é, Miss Marple? – perguntou ela. – A senhora sabe disso, tenho certeza.

Miss Marple sorriu suavemente para ela, mas não fez nenhuma observação.

– A vida em si é um mistério sem solução – disse o sacerdote, solene.

Raymond endireitou-se na cadeira e jogou longe o cigarro num gesto impulsivo.

– Não foi isso que eu quis dizer. Não estava falando de filosofia – disse ele. – Estava pensando em fatos verdadeiros, prosaicos e despidos de enfeites, fatos que ocorreram e que ninguém jamais conseguiu explicar.

– Sei muito bem do que está falando, meu caro – disse Miss Marple. – Por exemplo, a sra. Carruthers teve uma experiência muito estranha ontem pela manhã. Ela comprou meia caneca de camarões limpos na mercearia do Elliot. Foi a dois outros estabelecimentos e, quando chegou em casa, descobriu que os camarões não estavam com ela. Retornou às duas lojas que havia visitado, mas

os camarões haviam desaparecido por completo. Isso me parece extraordinário.

– Uma história muito esquisita – falou Sir Henry Clithering solenemente.

– Existem, claro, várias explicações possíveis – disse Miss Marple, com as bochechas tornando-se um pouco mais rubras de entusiasmo. – Por exemplo, alguma outra pessoa...

– Minha querida tia – disse Raymond West, achando graça –, eu não estava me referindo a essa espécie de incidente no vilarejo. Estava pensando em assassinatos e desaparecimentos, o tipo de coisa que Sir Henry poderia nos relatar por horas a fio, se ele assim desejasse.

– Mas jamais falo de trabalho – disse Sir Henry com modéstia. – Não, eu jamais falo de trabalho.

Sir Henry Clithering, até recentemente, tinha sido comissário da Scotland Yard.

– Imagino que haja uma série de assassinatos e casos que nunca foram solucionados pela polícia – disse Joyce Lemprière.

– É um fato reconhecido, acredito – falou o sr. Petherick.

– Eu me pergunto – disse Raymond West – que categoria de cérebro realmente tem mais sucesso desentredando um mistério. Penso que um detetive policial de nível mediano deva encontrar dificuldades por falta de imaginação.

– Esse é o ponto de vista leigo – disse Sir Henry de forma seca.

– Você quer mesmo um comitê – disse Joyce sorrindo. – Pois psicologia e imaginação se destinam ao escritor...

Ela fez um gesto irônico de reverência para Raymond, mas ele permaneceu sério.

– A arte de escrever nos traz uma compreensão da natureza humana – disse ele de forma grave. – Podemos enxergar, talvez, motivações que uma pessoa comum deixaria passar.

– Sei, querido – disse Miss Marple –, que seus livros são muito inteligentes. Mas acha realmente que as pessoas são tão desagradáveis quanto as faz parecer?

– Minha querida tia – disse o gentil Raymond –, mantenha suas convicções. Não permita Deus que *eu* seja o responsável por destruí-las.

– Quero dizer – falou Miss Marple, contraindo as sobrancelhas um pouco enquanto contava os pontos do tricô – que muitas pessoas não me parecem ser nem boas, nem más, mas apenas bastante tolas, sabe?

O sr. Petherick deu sua tossidinha seca novamente.

– Você não acha, Raymond – perguntou ele –, que atribui demasiado peso à imaginação? Imaginação é uma coisa muito perigosa que nós advogados conhecemos muito bem. Ter a habilidade de peneirar as provas de forma imparcial, tomar os fatos e vê-los como fatos; isso me parece ser o único método lógico de se chegar à verdade. Posso acrescentar que, na minha experiência, é o único método que funciona.

– Ih! – exclamou Joyce, jogando para trás a cabeça cheia de cabelos negros, indignada. – Aposto como eu ganharia de vocês todos neste jogo. Não só sou mulher, e digam o que quiserem, mas as mulheres têm uma intuição que aos homens foi negada, como também sou artista. Enxergo coisas que vocês não veem. Além disso, por ser artista, já convivi com toda a sorte de pessoas em toda e qualquer condição. Sei coisas da vida que nossa adorável Miss Marple sequer pode imaginar.

– Isso eu não saberia dizer, querida – disse Miss Marple. – Coisas muito dolorosas e angustiantes acontecem às vezes nas pequenas localidades.

– Posso falar? – disse o dr. Pender, sorrindo. – Sei que está em voga hoje em dia rebaixar o clero, mas ouvimos muitas coisas, conhecemos um lado do temperamento humano que é um livro lacrado para o mundo lá fora.

– Bem, me parece que somos um grupo bastante representativo. Que tal se formássemos um clube? Que dia é hoje? Terça-feira? Vamos chamá-lo de “O Clube das Terças-Feiras”. Vamos nos reunir todas as semanas e cada vez um membro tem de apresentar um problema. Algum mistério sobre o qual tenha conhecimento e para o qual, claro, saiba a resposta. Deixem-me ver, quantas pessoas temos? Uma, duas, três, quatro, cinco. Deveríamos ter um total de seis – disse Joyce.

– Esqueceu-se de mim, querida – falou Miss Marple, com um sorriso luminoso.

Joyce ficou um pouco surpresa, porém disfarçou o fato rapidamente.

– Seria adorável, Miss Marple – disse. – Não pensei que a senhora estaria interessada em participar.

– Acho que seria muito interessante – disse Miss Marple. – Ainda mais com a presença de tantos cavalheiros talentosos. Tenho receio de não ser tão habilidosa quanto vocês, mas viver tantos anos em St. Mary Mead oferece às pessoas uma certa compreensão da natureza humana.

– Tenho certeza de que sua colaboração será muito valiosa – disse Sir Henry, cordialmente.

– Quem vai começar? – disse Joyce.

– Acho que não há nenhuma dúvida quanto a isso – disse dr. Pender. – Quando se tem a grande sorte de termos um homem tão distinto quanto Sir Henry como convidado...

Dr. Pender não chegou a completar a frase, curvando-se educadamente na direção de Sir Henry.

Este ficou em silêncio por um minuto ou dois. Finalmente suspirou, cruzou e descruzou as pernas e começou:

– É um pouco difícil selecionar exatamente o tipo de história que estão me pedindo, mas acho que, por acaso, tenho conhecimento de um exemplo que se encaixa nessas condições de modo muito apropriado. Talvez tenham visto alguma menção do caso nos jornais de um ano atrás. Na época fora deixado de lado como um mistério insolúvel, mas, por coincidência, a solução chegou às minhas mãos há poucos dias.

“Os fatos são muito simples. Três pessoas comeram um jantar que consistia, entre outras coisas, em lagosta enlatada. Mais tarde, naquela noite, os três adoeceram e um médico foi chamado às pressas. Duas pessoas se recuperaram, a terceira morreu.”

– Ah! – disse Raymond, expressando aprovação.

– Como eu dizia, os fatos em si eram muito simples. Considerou-se que a causa da morte foi de intoxicação alimentar, foi emitido um certificado atestando isso, e a vítima foi devidamente enterrada. Mas as coisas não sossegaram por aí.

Miss Marple assentiu com a cabeça.

– Houve um falatório, eu imagino. Geralmente há – disse ela.

– E agora devo descrever os atores deste pequeno drama. Chamarei o marido e a mulher de sr. e sra. Jones, e a dama de companhia da esposa de srta. Clark. O sr. Jones era caixeiro-viajante de uma fábrica de produtos químicos. Ele era um homem bonito, de uma beleza um pouco rude e rosada, e tinha em torno de uns cinquenta anos. A esposa era um tipo um tanto comum e tinha uns 45 anos. A dama de companhia, srta. Clark, era uma mulher de uns sessenta anos, robusta, alegre, com o rosto radiante e corado. Vocês não achariam nenhum deles muito interessante.

“Os problemas começaram a surgir de um jeito muito interessante. O sr. Jones havia ficado hospedado num pequeno hotel comercial em Birmingham na noite anterior ao tal jantar. Aconteceu que, naquele dia, havia sido trocado o papel do mata-borrão, e a camareira, aparentemente sem ter nada melhor a fazer, divertiu-se examinando o mata-borrão contra o espelho logo depois de o sr. Jones ter escrito uma carta ali. Alguns dias mais tarde, ao ver nos jornais a notícia relatando a morte da sra. Jones como tendo sido causada pela ingestão de uma lagosta enlatada, a camareira participou aos outros serviços as palavras que havia decifrado no mata-borrão. Eram as seguintes: *Inteiramente dependente de minha esposa... quando ela estiver morta eu irei... centenas de milhares...*

“Devem lembrar-se de outro caso que havia ocorrido recentemente em que a esposa fora envenenada pelo marido. Não foi necessário mais do que isso para incendiar a imaginação da criadagem. O sr. Jones teria planejado livrar-se da esposa e herdar centenas de milhares de libras! Casualmente uma das camareiras tinha conhecidos na cidadezinha onde os Jones moravam. Ela escreveu para eles, e eles responderam à carta. O sr. Jones, ao que parece, havia sido muito atencioso com a filha de um doutor do lugar, uma moça muito bonita de 33 anos. Um escândalo começou a se anunciar. Foram enviadas petições ao ministro-chefe da Casa Civil. Inúmeras cartas anônimas foram despejadas na Scotland Yard, todas acusando o sr. Jones de ter matado a esposa. Agora, gostaria de acrescentar que nem por um momento pensávamos que houvesse algo ali além de conversas e bisbilhotices inúteis de cidade pequena. Não obstante, uma ordem de exumação foi concedida para apaziguar a opinião pública. Aparentava tratar-se de um desses casos de superstição popular sem nenhuma base concreta, mas que provou ser surpreendentemente justificada. Como

resultado da autópsia, foi encontrada uma tal quantidade de arsênico no cadáver que deixava bastante claro que a falecida senhora havia morrido por envenenamento. Cabia à Scotland Yard, junto com as autoridades locais, provar como aquele arsênico havia sido administrado e por quem.”

– Ah! Assim que eu gosto! Um caso policial de verdade – disse Joyce.

– Naturalmente, as suspeitas recaíram sobre o marido. Ele se beneficiara com a morte da mulher. Não no âmbito das centenas de milhares da imaginação romântica da camareira do hotel, mas com a quantia bastante sólida de oito mil libras. Ele não possuía bens próprios, apenas o que ganhava como salário, e era um homem de hábitos um tanto extravagantes com uma predileção pela companhia de mulheres. Investigamos com a maior sutileza possível os rumores da ligação dele com a filha do médico. Parecia claro que houvera uma forte amizade entre eles em um dado momento, mas também acontecera um rompimento brusco dois meses antes e, aparentemente, não haviam se visto desde então. O doutor, um homem de mais idade, um tipo direto e acima de qualquer suspeita, ficara pasmo com o resultado da autópsia. Ele havia sido chamado em torno da meia-noite e encontrara os três passando mal. Percebera imediatamente o estado agravado da sra. Jones e mandara buscar algumas pílulas de ópio com seu dispensário para aliviar a dor. Apesar de todos os esforços, entretanto, ela não resistira, mas sequer por um instante ele suspeitou que algo poderia estar errado. Estava convencido de que a morte dela era resultado de uma forma de botulismo. O jantar daquela noite consistira em lagosta enlatada com salada, pavê de creme e pão com queijo. Infelizmente, não sobrara nada da lagosta; havia sido comida por inteiro, e a lata havia sido jogada fora. Ele havia interrogado a

jovem criada Gladys Linch. Ela estava bastante triste, muito chorosa e aflita, e ele achara difícil fazer com que ela fosse mais objetiva, porém declarara, repetidas vezes, que a lata não se encontrava deformada de modo algum, e que a lagosta, na opinião dela, aparentava estar em perfeitas condições.

“Esses eram os fatos de que dispúnhamos para proceder com a investigação. Se Jones havia administrado arsênico para a esposa de forma criminoso, estava claro que não poderia ter sido em nenhum dos itens consumidos no jantar, pois as três pessoas compartilharam igualmente da mesma refeição. Além disso, outro ponto a ser considerado é que o próprio Jones havia chegado de Birmingham no momento em que o jantar estava sendo levado à mesa, portanto ele não tivera a oportunidade de alterar nenhum dos alimentos de antemão.”

— E a acompanhante? — perguntou Joyce. — A mulher corpulenta de expressão bem-humorada?

Sir Henry assentiu.

— Não negligenciamos a srta. Clark na investigação, posso lhe assegurar. No entanto, o motivo que ela poderia ter tido para cometer o crime parecia-nos um tanto discutível. A sra. Jones não havia lhe deixado nenhum tipo de herança, e o resultado líquido da morte de sua patroa era de que ela teria de buscar um novo emprego.

— Isso aparentemente a deixa de fora da equação — disse Joyce, pensativa.

— Contudo, um de meus inspetores logo descobriu um fato significativo — prosseguiu Sir Henry. — Após o jantar daquela noite, o sr. Jones descera até a cozinha e pedira uma tigela de mingau de maisena para a esposa, que havia reclamado de uma indisposição. Ele aguardara na cozinha até Gladys Linch prepará-lo e então ele mesmo levava o mingau até o quarto da esposa. Aquilo, confesso, aparentemente liquidava a questão.

O advogado assentiu.

– Motivo – disse ele contando cada um dos pontos nos dedos. – Oportunidade. Como era caixeiro-viajante de uma empresa de produtos farmacêuticos, tinha fácil acesso ao veneno.

– E era um homem de moral vulnerável.

Raymond West não desviava os olhos de Sir Henry.

– Tem de haver alguma complicação em algum lugar. Por que não o prenderam? – disse ele.

Sir Henry sorriu um tanto sem jeito.

– Eis a peça lamentável do quebra-cabeça. Até aí tudo havia corrido às mil maravilhas, mas então nos deparamos com um obstáculo inesperado. Jones não foi preso porque, ao interrogarmos a srta. Clark, ela nos disse que fora ela quem terminara a tigela de mingau de maisena e não a sra. Jones.

“Sim, ao que parece, ela fora até o quarto da sra. Jones como era de costume. A sra. Jones estava sentada na cama com a tigela de maisena ao seu lado: ‘Milly, não estou me sentindo bem’, disse ela. ‘Bem feito para mim, ninguém mandou comer lagosta à noite. Pedi a Albert que me trouxesse uma tigela de maisena, mas agora que ele trouxe não está me apetecendo.’

“‘Uma pena’, comentou a srta. Clark, ‘está com uma aparência tão boa, sem bolotas. Gladys é mesmo uma cozinheira muito competente. Pouquíssimas moças hoje em dia parecem capazes de preparar um mingau de maisena bem feito. Admito que gostaria de comer esse mingau, ainda estou com fome.’

“‘Posso imaginar que sim, você e esses seus hábitos insensatos’, disse a sra. Jones.

“Devo explicar”, interrompeu Sir Henry, “que a srta. Clark, alarmada por sua crescente corpulência, estava seguindo uma dieta.

“‘Não é bom para você, Milly, não é bom’, insistiu a sra. Jones. ‘Se Deus nosso senhor fez você robusta, ele queria você robusta. Tome agora esta tigela de mingau. Vai lhe fazer todo o bem do mundo.’

“Imediatamente a srta. Clark se pôs a comer e de fato terminou a tigela. Então, como vocês veem, isso destruiu completamente nossa hipótese contra o marido. Quando questionado sobre as palavras no mata-borrão, Jones prontamente ofereceu uma explicação. A carta, ele explicou, fora em resposta à outra escrita por seu irmão na Austrália pedindo-lhe dinheiro. Havia respondido indicando que era completamente dependente da esposa. Quando ela estivesse morta ele teria controle das finanças e poderia ajudar o irmão, se possível. Lamentava sua incapacidade para ajudá-lo, mas enfatizava que havia centenas e milhares de pessoas no mundo na mesma condição infeliz.”

– E com isso o inquérito se desintegrou? – perguntou dr. Pender.

– E com isso o inquérito se desintegrou – disse Sir Henry em tom solene. – Não podíamos correr o risco de prender Jones sem ter nada em que nos basear.

Houve um silêncio e então Joyce perguntou:

– E isso é tudo, mesmo?

– Esse é o caso tal qual permanecera durante todo o último ano. A verdadeira solução só chegou agora às mãos da Scotland Yard e dentro de dois ou três dias, provavelmente, vocês lerão sobre o caso nos jornais.

– A verdadeira solução – disse Joyce, pensativa. – Tenho minhas dúvidas. Vamos todos pensar por cinco minutos e depois discutir.

Raymond West assentiu com a cabeça e consultou a hora no relógio. Quando os cinco minutos terminaram, olhou para o dr. Pender.

– O senhor começa? – disse ele.

O velho balançou a cabeça:

– Confesso – disse – que estou perplexo. Consigo pensar somente que o marido, de alguma forma, tem de ser o culpado, mas como ele teria feito isso não consigo imaginar. Posso apenas sugerir que deve ter dado o veneno a ela de alguma maneira que ainda não se havia descoberto, embora como isso foi aparecer só agora, depois de tanto tempo, também não consigo imaginar.

– Joyce?

– A dama de companhia! – disse Joyce, decidida. – É sempre a dama de companhia! Como poderemos saber que motivo ela poderia ter tido? Apenas porque era velha, corpulenta e feia, não quer dizer que não estivesse assim mesmo apaixonada por Jones. Pode ter odiado a patroa por alguma outra razão. Pensem no que é ser um acompanhante, sempre obrigado a ser agradável, concordando, sufocando e contendo a si mesmo. Um dia não pôde mais suportar e então a matou. Ela provavelmente pôs o arsênico na tigela de maisena e toda aquela história de que ela mesma comeu é mentira.

– Sr. Petherick?

O advogado apoiava as pontas dos dedos umas nas outras em uma pose profissional:

– Não gostaria de comentar. Sobre os fatos, não gostaria de dizer nada.

– Mas o senhor precisa, sr. Petherick – disse Joyce. – Não pode se abster de julgar, afirmar que “tem de ser imparcial” e ficar nisso. Deve participar do jogo.

– A respeito dos fatos – disse o sr. Petherick –, parece não haver nada a ser dito. É minha opinião pessoal, tendo visto infelizmente muitos casos deste tipo, que o marido é o culpado. A única explicação que pode dar conta dos fatos parece ser de que a srta. Clark, por algum motivo ou outro, o protegeu deliberadamente. Pode ter havido algum acordo financeiro acertado entre eles. Ele pode